

A resistência de mulheres lactantes durante a pandemia em relação à vacinação contra a covid-19

The resistance of breastfeeding women during the pandemic in relation to vaccination against covid-19

La resistencia de las mujeres lactantes durante la pandemia en relación a la vacunación contra el covid-19

Luíza Pires de Lima Cabral¹, Juliana da Silva Guilherme², Audrey Vidal Pereira³, Luciana Rodrigues da Silva⁴, Felipe Guimarães Tavares⁵, Luiz Henrique dos Santos Ribeiro⁶

Como citar esse artigo. Cabral, LPL. Guilherme, JS. Pereira, AV. Silva, LR. Silva, FG. Ribeiro, LHS. A resistência de mulheres lactantes durante a pandemia em relação à vacinação contra a covid-19. Rev Pró-UniverSUS. 2025; 16(2):17-21.



Resumo

Introdução: analisar os fatores relacionados à hesitação vacinal contra a covid-19, apontados por mulheres lactantes durante a pandemia. **Materiais e Métodos:** trata-se de uma pesquisa quantitativa composta de 63 lactantes, cujos dados foram analisados por estatística descritiva simples. Foi utilizado um formulário estruturado on-line, em uma investigação tipo websurvey. **Resultados:** participaram do estudo lactantes com idade predominante de 25 a 30 anos (44%) e 20% tomaram entre uma e duas doses da vacina. A hesitação das mulheres em relação à vacinação da covid-19 foi influenciada por diversos fatores, como: 9% relataram resistência em se vacinar devido a familiares, 8% hesitaram em razão de questionamentos quanto à origem da vacina e 7% tiveram receio tanto relacionado à técnica de produção da vacina quanto também por conta de eventos adversos provenientes do imunizante. **Discussão:** a hesitação vacinal está presente na tomada de decisão de gestantes e puérperas contra a vacina da covid-19 e permanece em níveis preocupantes, o que limita o alcance dos critérios necessários para o desenvolvimento da imunidade coletiva. **Conclusão:** portanto, identificar os fatores que contribuem para a hesitação vacinal é de suma importância, a fim de desenvolver estratégias mais eficazes, especialmente para lactantes, com o propósito de esclarecer dúvidas e fornecer informações que possam auxiliar essas mulheres na tomada de decisão, enfatizando a importância da vacinação contra a covid-19.

Palavras-chave: Covid-19; Hesitação Vacinal; Lactante.

Abstract

Introduction: analyze the factors related to vaccine hesitancy against covid-19, highlighted by lactating women during the pandemic. **Materials and Methods:** This is a quantitative research consisting of 63 breastfeeding women, whose data were analyzed using simple descriptive statistics. A structured online form was used in a websurvey-type investigation. **Results:** It was identified that they were breastfeeding women aged 25 to 30 years (44%) and 20% took between 1 and 2 doses of the vaccine. Women's hesitancy regarding covid-19 vaccination was influenced by several factors, such as: 9% reported resistance to getting vaccinated due to family members, 8% hesitated due to questions about the origin of the vaccine and 7% had fears related to the vaccine production technique and also due to adverse events arising from the immunizer. **Discussion:** Vaccine hesitancy is present in the decision-making of pregnant and postpartum women against the covid-19 vaccine and remains at worrying levels, becoming limited in achieving the necessary criteria for the development of collective immunity. **Conclusion:** Therefore, identifying the factors that contribute to vaccine hesitancy is of paramount importance in order to develop more effective strategies, especially for breastfeeding women. With the purpose of clarifying doubts and providing information that can assist these women in making decisions, emphasizing the importance of vaccination against covid-19.

Key words: Covid-19; Vaccine Hesitation; Lactating.

Resumen

Introducción: analizar los factores relacionados con la reticencia vacunal contra la covid-19, destacada por las mujeres lactantes durante la pandemia. **Materiales y Métodos:** Se trata de una investigación cuantitativa compuesta por 63 mujeres lactantes, cuyos datos fueron analizados mediante estadística descriptiva simple. Se utilizó un formulario estructurado en línea en una investigación tipo encuesta web. **Resultados:** Se identificó que eran mujeres lactantes de 25 a 30 años (44%) y el 20% tomó entre 1 y 2 dosis de la vacuna. La indecisión de las mujeres respecto a la vacunación contra el covid-19 estuvo influenciada por varios factores, tales como: el 9% reportó resistencia a vacunarse debido a familiares, el 8% dudó por preguntas sobre el origen de la vacuna y el 7% tenía temores relacionados con la producción de la vacuna, técnica y también debido a eventos adversos derivados del inmunizador. **Discusión:** La vacilación vacunal está presente en la toma de decisiones de las mujeres embarazadas y puérperas frente a la vacuna covid-19 y se mantiene en niveles preocupantes, limitándose a alcanzar los criterios necesarios para el desarrollo de la inmunidad colectiva. **Conclusión:** Por lo tanto, identificar los factores que contribuyen a la renuencia a vacunarse es de suma importancia para desarrollar estrategias más efectivas, especialmente para las mujeres que amamantan. Con el propósito de aclarar dudas y brindar información que pueda ayudar a estas mujeres en la toma de decisiones, enfatizando la importancia de la vacunación contra el covid-19.

Palabras clave: Covid-19; Vacilación ante las vacunas; Lactando.

Afiliação dos autores:

¹Graduação em Enfermagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: luizapires@id.uff.br ORCID: 0000-0003-3435-3237

²Graduação em Enfermagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: julianaguilhermes@id.uff.br ORCID: 0009-0002-3896-4916

³Docente do Programa de Pós graduação em Ciências do Cuidado em Saúde, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: avpereira@gmail.com ORCID: 0000-0002-6570-9016

⁴Doutora em ciências da saúde, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: lucianars@id.uff.br ORCID: 0000-0001-8815-6525

⁵Professor do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: felipegt@id.uff.br ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8308-6203

⁶Mestre em Ciências da Saúde, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: henrique.ribeiro9@hotmail.com ORCID: 0000-0003-1900-5381

* E-mail de correspondência: henrique.ribeiro9@hotmail.com

Recebido em: 03/07/24 Aceito em: 20/03/25

Introdução

Em 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, surgiram casos de pneumonia sem causa determinada. A partir da análise do material genético isolado do vírus, foi constatado que se tratava de um betacoronavírus que passou a ser chamado de Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (Sars-CoV-2). O vírus se espalhou por toda a China e rapidamente começou a se identificar casos em outros países como Itália e Espanha até chegar ao Brasil ¹.

Por se tratar de um vírus pouco conhecido e ter se disseminado de maneira tão rápida por todo o mundo, diversas suposições foram feitas como: o vírus ter sido fabricado em laboratório com intuito de favorecer algum mercado internacional; a doença ser uma invenção para prejudicar a economia de certos países e favorecer a de outros; a vacina ter pulado etapas e por isso não ser confiável, entre outras, que causaram medo e insegurança na população ².

As vacinas, diante da urgência epidemiológica, foram rapidamente estudadas e, assim que possuíam eficácia comprovada, eram colocadas para uso emergencial. Contudo, essa rapidez na fabricação de vacinas gerou uma hesitação vacinal, acometendo não apenas a população adulta em geral ³.

As decisões de vacinação têm impactos diretos na saúde pública e na mitigação de pandemias. No grupo das mulheres, além da preocupação com a própria saúde, estas possuem um receio ainda maior quando amamentam, visto que seus bebês dependem da mãe e vão arcar com as escolhas que elas fizerem ⁴.

Os determinantes da hesitação vacinal contra a covid-19 diferem em comparação com outras vacinações maternas. Por exemplo, a influência da mídia de massa e notícias falsas levou a preocupações sobre a segurança da vacina para a mãe e o bebê e uma desconfiança nas recomendações dos profissionais de saúde ou nas diretrizes institucionais ⁵.

Destaca-se, nesse momento, um movimento denominado: “Lactantes pela Vacina”, que teve sua origem em maio de 2021, com o objetivo de garantir a priorização da vacinação contra a covid-19 para mães que estão amamentando. A iniciativa surgiu nas plataformas de mídias sociais, formando subgrupos que representam diferentes estados do Brasil. Dessa forma, o principal argumento é a proteção 2 em 1 em que a transmissão do anticorpo passa pelo leite materno para o bebê, garantindo a proteção e diminuindo a vulnerabilidade dos lactentes ⁶.

Sendo assim, este estudo teve como objetivo descrever os fatores que levaram as mulheres lactantes durante a pandemia a resistirem à vacinação contra a covid-19.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa transversal, com abordagem quantitativa, cujos dados foram analisados a partir de estatística descritiva simples. Foi utilizado um formulário estruturado, *on-line*, em uma investigação tipo websurvey, para mulheres lactantes ou que amamentaram na pandemia.

O período de coleta de dados foi de 6 de outubro de 2022 a 14 de julho de 2023, totalizando 63 mulheres de um município da região Sul Fluminense do estado do Rio de Janeiro. Todas as que se adequaram aos critérios estabelecidos participaram da pesquisa voluntariamente. Para recrutar mulheres, foram divulgados convites com *links* para participação da pesquisa em redes sociais como *Instagram* e *Facebook* e grupos no *WhatsApp* e *Telegram*.

Todas as participantes ficaram cientes do objetivo da pesquisa, podendo participar ou não. O acesso às 13 questões objetivas e três abertas só era possível após leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concordância em participar.

Os critérios de inclusão foram: mulheres maiores de 18 anos, que tenham amamentado durante a pandemia da covid-19 e que tenham conhecimento acerca de recursos digitais. Já os critérios de exclusão foram: lactantes que tenham passado por tratamento médico para transtornos mentais e que apresentem dificuldade em manter diálogos.

Os dados coletados a partir do questionário que foi enviado foram colocados em uma planilha do programa *Microsoft Excel*®, para serem analisados de maneira descritiva simples, com base em estudos relacionados à temática, os quais foram publicados em periódicos científicos nacionais e internacionais. A função de descrição dos dados incluiu as seguintes responsabilidades: obter dados, organizar, reduzir e representar os dados estatísticos, a fim de auxiliar na descrição do fenômeno observado.

A pesquisa foi um recorte do projeto maior guarda-chuva intitulado “Vacinação e covid-19: tomada de decisão de usuários e trabalhadores da atenção primária à saúde”. Esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense, com aprovação sob número de CAAE: 55406422.5.0000.5243 / Número .251.042. O desenvolvimento da pesquisa atendeu a todas as exigências éticas, segundo os preceitos da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos.

Resultados e Discussão

O estudo foi composto de 63 mulheres que amamentaram ou estavam amamentando durante a pandemia, com idade predominante de 25 a 30 anos (44%). Destas, 90,5% relataram ser heterossexuais. No que tange à cor/raça, 63,5% se declararam brancas e 36,5% pretas/pardas. Quanto à situação conjugal, informaram ser casadas/estar em união estável/morar com companheiro (a) 74,6%. Do total de mulheres, 36,5% possuíam graduação. E a renda familiar predominantemente era de dois a quatro salários-mínimos (36,5%). Mais da metade (60,3%) das mulheres possui apenas um filho, 42,9% moram com três pessoas na casa e 34,9% é da religião protestante/evangélica. E 20,7% tomaram entre uma e duas doses da vacina contra a covid-19.

Foi possível perceber, a partir dos resultados deste estudo, como a hesitação vacinal está presente na tomada de decisão de gestantes e puérperas contra a vacina da covid-19. Segundo Garg ⁷, a hesitação vacinal permanece em níveis preocupantes, o que limita o alcance dos critérios necessários para o desenvolvimento da imunidade coletiva.

Neste estudo, 11,1% das gestantes e puérperas afirmaram que possuíam resistência em se vacinar devido a familiares. A partir da sobrecarga de informações e do medo relacionado à vacinação contra a covid-19, familiares manifestaram preocupações e, conseqüentemente, influenciaram nas decisões dessas mulheres sobre a imunização.

Um estudo⁸ com 456 gestantes e puérperas nas clínicas de obstetrícia geral, obstetrícia e medicina materno-fetal da Universidade Estadual de Ohio, entre as gestantes e puérperas que relataram hesitação vacinal, 2,8% hesitaram devido a conselho de familiares. As opiniões familiares podem ter uma influência especial na tomada de decisão das gestantes e puérperas em relação à vacinação, o que mostra a necessidade de educar tanto esse grupo de mulheres quanto os familiares destas sobre a importância da imunização.

No presente estudo, evidenciou-se que o questionamento quanto à origem da vacina contra a covid-19 (12,7%) foi um fator que levou à resistência vacinal. Sendo assim, a transparência nas informações sobre como as vacinas são projetadas, testadas e aprovadas é fundamental

para minimizar medos infundados.

Os estudos⁹ mostram que, em pelo menos 70% dos municípios brasileiros, as pessoas gostariam de escolher a marca do imunizante. Isso se deve ao fato de que as informações passadas à população, principalmente por autoridades de saúde pública, eram escassas e confusas.

Foi possível observar que 11,1% das mulheres tiveram receio relacionado à técnica de produção da vacina, isso porque, para muitas grávidas, a velocidade surpreendente com que as vacinas foram desenvolvidas e a ausência de testes realizados em gestantes geraram medo e resistência.

Para um estudo¹⁰, a rápida velocidade na produção de vacinas e o fato de os testes da vacina contra a covid-19 não terem incluído gestantes e puérperas resultaram na falta de informações sobre segurança perinatal, em grande parte desconhecida, gerando medo e hesitação vacinal nesse público.

O estudo¹¹ apresentou resultados de um inquérito em 16 países, entre eles o Brasil, que mostram que 44,9% dos respondentes estavam preocupados com a aprovação da vacina considerando que seria apressada por motivos políticos. Destarte, é possível perceber que a hesitação vacinal entre as mulheres baseada na percepção de que as vacinas foram aceleradas em seu desenvolvimento é significativa. Portanto se destaca a importância da comunicação eficaz por parte das autoridades de saúde.

Neste estudo 11,1% das mulheres tiveram receio de se vacinar por conta dos eventos adversos provenientes da vacina. No estudo¹¹, com mulheres grávidas e mães de crianças pequenas, 28,4% das mulheres recusaram a vacinação em seus filhos por acreditarem que a vacina não é segura e pode ter efeitos colaterais prejudiciais. O medo de efeitos colaterais é uma preocupação de muitas mulheres, no entanto, é importante destacar que a grande maioria dos eventos adversos relacionados às vacinas é de natureza leve e temporária.

Em um estudo¹² com 184 gestantes na Romênia, mostrou que 52,4% delas eram hesitantes em relação à vacinação contra a covid-19. E um dos fatores que contribuíram significativamente para isso foi terem experimentado efeitos colaterais desagradáveis de vacinações anteriores.

A divulgação dos efeitos adversos da vacina contra a covid-19 deve ser realizada de maneira transparente e acessível para que não haja espaço para mal-entendidos. É fundamental que

as informações sobre possíveis reações às vacinas sejam apresentadas de forma clara e explicativa.

Neste estudo, nas respostas recebidas pelo questionário, 14,2% das entrevistadas disseram que raramente ou nunca confiam nas instituições e serviços responsáveis pela produção de vacinas contra covid-19 no Brasil. Isso se dá, muito provavelmente, devido a diversas informações contraditórias que bombardearam a população.

O estudo¹³ fala sobre combater a hesitação vacinal com o modelo dos quatro “Cs”, confiança, complacência, conveniência e compaixão. Quando se fala de confiança, esse tem sido o fator que mais levou à relutância da vacinação. Devido à falta de confiança na segurança da vacina entre as gestantes e à percepção destas de recomendações contraditórias das autoridades de saúde pública, houve baixa confiança desse público nas instituições e serviços responsáveis pela produção das vacinas.

Nessa perspectiva, essa desconfiança se estendeu não apenas com relação às vacinas em si, mas também às instituições e aos serviços encarregados de sua produção e distribuição. Por isso se faz importante fortalecer a comunicação de informações claras, baseadas em evidências científicas.

Das entrevistadas deste estudo, 25,3% possuíam extrema, grande ou média confiança em mensagens, áudios, conversas, vídeos e postagens sobre vacinação contra a covid-19 veiculados por políticos em redes sociais (*Instagram, Facebook/Meta, WhatsApp*).

No Brasil, ocorreram tensões relacionadas ao processo de vacinação que tiveram influência de cunho político. Questionamentos sobre a obrigatoriedade do uso de vacinas em geral e resistência especificamente à vacina CoronaVac, por se tratar de imunizante de origem da China, são exemplos que contribuíram para a resistência vacinal⁹. Ademais, 11,1% afirmaram que a resistência em se vacinar foi influenciada por mensagens, vídeos e postagens em redes sociais (*Instagram, Facebook/Meta, WhatsApp*) e campanhas realizadas em *sites*, rádio, jornal e televisão.

Nos estudos¹², 67,9% das gestantes participantes confiaram em boatos nas redes sociais, aumentando a hesitação vacinal. Já em uma revisão sistemática com nove estudos, mais da metade (55,6%) evidenciou o *Facebook* como plataforma social de maior disseminação de *fake*

news, seguida do *Twitter* (33,3%) e *Instagram* (Coelho, 2023). Além disso, mais de 50% dos vídeos do *YouTube* (57%) compartilhados no *Facebook* foram antivacina¹⁴.

Posto isso, as redes sociais contribuíram com um papel significativo na disseminação da hesitação vacinal durante a pandemia de covid-19. Embora as plataformas tenham sido uma fonte valiosa de informação e comunicação, também proporcionaram espaço para a propagação de desinformação, teorias de conspiração e opiniões não fundamentadas sobre as vacinas.

A rápida propagação de informações errôneas, muitas vezes viralizadas, criou um ambiente em que a hesitação vacinal pode florescer. É importante reconhecer que todos os estudos têm suas limitações e desafios específicos. No contexto deste estudo, uma das limitações que se destaca é o quantitativo de mulheres participantes.

No entanto, apesar dessas limitações, o estudo fornece informações valiosas que podem ser usadas como ponto de partida para investigações mais abrangentes no futuro. É um lembrete de que, embora cada pesquisa tenha suas restrições, o conhecimento gerado ainda contribui significativamente para a compreensão e a abordagem de questões de saúde pública cruciais.

Conclusão

A partir dos resultados deste estudo, foi possível analisar e descrever os principais fatores que levaram mulheres lactantes durante a pandemia a resistirem à vacinação contra a covid-19. A hesitação foi por grande parte influenciada por mensagens, vídeos e postagens nas redes sociais que proliferam informações imprecisas e alimentam a incerteza.

Assim, é de extrema importância que as lactantes considerem atentamente as recomendações de órgãos oficiais como o Ministério da Saúde, baseadas em evidências científicas sólidas, a respeito da vacinação contra a covid-19. A informação baseada em evidências é um escudo vital contra a desinformação, permitindo que as lactantes tomem decisões informadas para proteção de si mesmas e de seus bebês.

Portanto, identificar os fatores que geram hesitação em relação à vacinação, a fim de elaborar estratégias mais eficazes, especialmente direcionadas às mulheres que amamentam, torna-se muito relevante, principalmente descobrir quais fatores levaram à resistência para poder criar estratégias direcionadas a esse público.

Conflito de interesse

doi.org/10.1177/20563051221150403

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Diretrizes para Diagnóstico e Tratamento da Covid-19. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [acesso 18 maio 2023]. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202004/14140600-2-ms-diretrizes-covid-v2-9-4.pdf>
2. Dandara L. Cinco dias de fúria: Revolta da Vacina envolveu muito mais do que insatisfação com a vacinação [Internet]. Fiocruz. 2022 [acesso 2023 May 18].
3. Martinez EZ, Zucoloto ML, Ramos VP, Dutra CDC, de Jesus GJ, Esteves AVF, Abreu IS, Mombelli MA, Reis RA, Campo amor MM, et al. Atitudes e práticas dos adultos brasileiros em relação à vacinação obrigatória contra a COVID-19 e suas hesitações em relação à vacinação infantil. *Vacinas*. 2022; 10(11):1853. <https://doi.org/10.3390/vaccines10111853>
4. Ministério da Saúde (BR). Perguntas frequentes Amamentação e Covid-19. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [acesso 02 jun 2023]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-eplanos>
5. Nichol B, McCready JL, Steen M, Unsworth J, Simonetti V, Tomietto M (2023) Barreiras e facilitadores da hesitação vacinal para COVID-19, gripe e coqueluche durante a gravidez e em mães de bebês menores de dois anos: Um guarda-chuva análise. *PLoS UM* 18(3): e0282525. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0282525>
6. Nucci MF, Alzuguir FV. “Cada mamada é uma vacina”: amamentação e anticorpos no contexto da covid-19. *Ilha R. Antropologia* [Internet]. 19 de janeiro de 2023 [citado 24 de março de 2024];25(1):21-42. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/85246>
7. Garg I, Shekhar R, Sheikh AB, Pal S. Vacina contra COVID-19 em mulheres grávidas e lactantes: uma revisão das evidências existentes e das diretrizes práticas. *Relatórios de doenças infecciosas* . [Internet]. 2021; 13(3):685-699. <https://doi.org/10.3390/idr13030064>
8. Kiefer MK, Mehl R, Costantine MM, Johnson A, Cohen J, Summerfield TL, et al. Características e percepções associadas à hesitação vacinal contra a COVID-19 entre gestantes e puérperas: um estudo transversal. [Internet]. *BJOG: An International Journal of Obstetrics & Gynaecology*. 2022. <https://doi.org/10.1111/1471-0528.17110>
9. Galhardi CP, Freire NP, Fagundes MCM, Minayo MC de S, Cunha ICKO. Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2022Mai;27(5):1849-58. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24092021>
10. Stafford IA, Parchem JG, Sibai BM. The COVID-19 vaccine in pregnancy: risks benefits and recommendations. *American Journal of Obstetrics and Gynecology* [Internet]. 2021 Jan 30;224(5). <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33529575/>
11. Skjefte M, Ngirbabul M, Akeju O, et al. COVID-19 vaccine acceptance among pregnant women and mothers of young children: results of a survey in 16 countries. *Eur J Epidemiol*. [Internet]. 2021;36(2):197-211. <https://doi: 10.1007/s10654-021-00728-6>
12. Citu IM, Citu C, Gorun F, Motoc A, Gorun OM, Burlea B, Bratosin F, Tudorache E, Margan MM, Hosin S, et al. Determinantes da hesitação na vacinação COVID-19 entre mulheres grávidas romenas. *Vacinas* . [Internet]. 2022; 10(2):275. <https://doi.org/10.3390/vaccines10020275>
13. Shook LL, Kishkovich TP, Edlow AG. Countering COVID-19 Vaccine Hesitancy in Pregnancy: the “4 Cs”. *Am J Perinatol*. [Internet]. 2022;39(10):1048-1054. <https://doi:10.1055/a-1673-5546>
14. Gruzd, A., Abul-Fottouh, D., Song, MY e Saiphoo, A. Do Facebook ao YouTube: a exposição potencial aos vídeos antivacinas contra a COVID-19 nas redes sociais. *Mídias Sociais + Sociedade*. [Internet].2023; 9 (1). <https://>